



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

COMUNICAÇÃO E IMERSÃO: NOVOS DESAFIOS¹

Marta Pinheiro

Professora-adjunta da FACOM (UFJF)

Doutora em Comunicação (ECO/UFRJ)

Um novo espaço público coletivo está sendo construído pelas novas tecnologias e pela nova ordem mundial, caracterizando uma experiência de imersão onde as fronteiras se dissolvem. Os tradicionais pólos de referência são deslocados, perdendo a função de âncoras e limites da experiência, o que faz a nossa atualidade passar a problematizar a sua própria abertura, o dobramento sobre si mesma, o excesso de informação e de estímulos e o mapeamento cognitivo desse novo ambiente. Como estratégia de exteriorização, tomaremos a Modernidade como o momento da passagem da posição clássica do observador para o da percepção subjetiva, de modo a identificar na nossa atualidade a ampliação da percepção e as novas relações de observação. A seguir, como proposta conceitual, trataremos da questão da informação, recorrendo à noção de “tensão informacional”.

Palavras-chave: novas tecnologias, comunicação, informação

¹ Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para muitos um novo espaço público coletivo acentrado está sendo construído pelas tecnologias da comunicação e da produção de imagens, originando novas formas de coletividade, de interação e de inteligência, assim como também são deslocados e/ou dissolvidos os pontos de referências, tais como emissor e receptor, artifício e realidade, sujeito e natureza, observador e objeto, espaço e tempo, categorias que até então norteavam as posições que determinariam a inserção ou a exterioridade relativas ao espaço público. Habitamos um espaço-informação constituído por máquinas plugadas em redes globais.

Este novo espaço é também o da nova ordem econômica, política, social e cultural, isto é, a Globalização, como fenômeno de incorporação de todas as economias e políticas às leis do mercado, agora ditadas pelas grandes corporações transnacionais. A expansão global da nossa atualidade - tecnologias do virtual e da comunicação cibernética aliadas à nova ordem do capitalismo contemporâneo - coloca-nos diante do limite em que não se pode falar de algum lugar fora dela mesma, em que as bordas tornam-se o próprio conteúdo.

Um ambiente que torna difícil imaginar o espaço do que é dado, visualizar mentalmente toda a sua complexidade e, portanto, mapeá-lo cognitivamente.

Para Fredric Jameson¹, a sincronicidade do tempo e do espaço tornam a nossa atualidade caracterizada pela fragmentação, o tempo numa série de presentes perpétuos e locais, portanto uma sociedade de imagens como reflexo desse estágio do capitalismo que, pela sua globalização e velocidade arrasadora, produz uma lógica cultural esquizofrênica, deixando apenas a percepção de fragmentos que impediriam de ver a única totalização existente que é a do próprio capitalismo. A cultura só repetiria a lógica do consumo: imagens sem exterioridade, mundo sem valores.

Para Zygmunt Bauman², a Globalização encena a multifacetada transformação humana em que o uso do espaço e do tempo tanto divide como une, divide enquanto une. Para alguns, a liberdade face à criação de significados, para outros a falta de significados. O ponto de gravidade na organização social mudou da pergunta “quem?” para “de que ponto do espaço?”.

¹ Cf. JAMESON. (1996)

² Cf. BAUMAN. (1999)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Podemos também caracterizar a nossa atualidade como uma mostra aleatória e ampla de sensações e de estímulos de todos os tipos dos quais alguns são considerados e outros ignorados, só que todos permanecem disponíveis, acessíveis, semiotizados, fazendo com que os fragmentos possam sempre estar a absorver conteúdos ou a se tornarem reflexos automáticos. Fragmentos que indicavam uma exterioridade, um vazio, agora se conectam, tornam-se inteligíveis e significativos. Deste modo, uma experiência subjetiva nova se delineia, deixando perplexidades, hesitações diante de um mundo em que o excesso nos solicita, demandando novas formas de perceber, sentir e agir.

Entretanto, a experiência diante das transformações não é uma marca exclusiva do nosso tempo, mas já se delineava na Modernidade. Em que somos diferentes? Como a experiência subjetiva foi problematizada naquele momento e qual a nossa distância em relação a ela? Quais os nossos limites quando tudo parece ser incorporado e ao mesmo tempo nos parece excessivo?

Quando a distância entre o observador e o observado se anula num espaço de imersão, numa recursividade aberta, como podemos extrair do mundo uma informação?

A MODERNIDADE: ENTRE A ATENÇÃO E A DISTRAÇÃO

A Modernidade designa uma série de transformações técnicas e sociais, tais como industrialização, urbanização, cultura de massas e espaço público como mediador entre o Estado e o privado. Mas também podemos concebê-la como uma experiência subjetiva nova em um mundo mais rápido, fragmentado, caótico no qual o indivíduo se defrontou com uma intensidade de estímulos sensoriais: uma multiplicação de perspectivas espaço-temporais em um campo visual único e instantâneo.

Uma percepção distraída e de choque, como nos diz Walter Benjamin, reconfigura o campo da sensação e da ação do indivíduo moderno. .

As vanguardas modernistas radicalizaram essa experiência e a tomaram como condição para novas propostas estéticas. Romperem com as formas tradicionais de representação, reconfigurando as modalidades perceptivas em direção a uma forma nova,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

em que a prática do fragmento é levado ao seu limite, como no Minimalismo, ou expandida infinitamente em texturas, densidades e intensidades percebidas num espaço formal decomposto e recomposto, abandonando assim os antigos objetos e propondo uma situação de contingência e de falta de sentido, abrindo novos “espaços de sonhos públicos” (W.Benjamin).

Podemos também inserir nesse “espaço de sonho público”, as utopias políticas e sociais modernas que, embora conduzidas por um *telos*, deixavam passar com elas o que Kant havia chamado de *entusiasmo*, isso que só um acontecimento, a revolução, traz e pode persistir, mesmo se o resultado objetivo da ação não perdurar ou até fracassar.

Considerando a Modernidade como uma criação incessante de novas necessidades e estímulos, nela uma história da visão e do visível se constrói. Novos problemas sobre o olhar, a atenção e a distração num campo de experiência fragmentado e volátil. Para J. Crary³, é a partir de século XIX que os modelos de visão subjetiva são apresentados por uma ampla gama de disciplinas que fundamentavam a verdade da visão não mais na relação entre a visão e o objeto, mas no seu próprio funcionamento, dependente da constituição fisiológica contingente do observador, portanto imperfeita e não mais objetiva. A decorrência da assertiva de que as nossas sensações dependem de nosso funcionamento visual e menos da natureza dos estímulos foi a noção de visão autônoma, quer dizer, ela não é mais concebida como determinada pelo mundo exterior.

Se as modalidades perceptivas encontram-se em um estado de transformação, o problema da manutenção da realidade passa a depender de uma síntese contingente e psicológica. A atenção torna-se a ponto nodal para um mundo de objetos poder surgir para o sujeito que se percebe imerso em um campo social superestimulado e sensorial. É pela atenção que se encontra o impedimento para que a percepção subjetiva permaneça um fluxo caótico de sensações.

Se o que se delineia nas ciências e nas instituições da época é de que a visualidade não está mais contida numa ótica da representação, o observador possui uma relação com objetos de sua atenção, mas também com o que não é percebido, isto é, as distrações

1 Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

excluídas do campo perceptivo. Sendo a inibição parte constitutiva da percepção, a visão é reconfigurada como dinâmica, temporal e sintética. É um olhar não fixo, entre a atenção e a distração, de um observador não mais pontual, mas simultaneamente atento e instável.

A desatenção começa a ser vista como um perigo à integridade da visão como mantenedora de um mundo real funcional, justamente no momento em que a lógica cultural do capitalismo exige uma mudança rápida da atenção, tornando recíprocas a atenção e a distração: “Os discursos institucionais sobre a atenção dependiam da maleabilidade e mobilidade de quem percebia; ao mesmo tempo, procuravam tornar esse fluxo útil, controlável e sociável.”⁴

QUANDO O MUNDO NOS OLHA

O modo pelo qual a técnica e a tecnologia alteram a nossa percepção do mundo e nossa posição dentro dele são problematizadas basicamente a partir de duas direções: ou a técnica e a tecnologia são vistas como extensões de nosso corpo e, logo, ferramentas, cabendo indagar o quanto nos tornamos melhores, ou elas são vistas como entidades que nos submetem, fazendo de nós as ferramentas e, deste modo, temos que questionar o quanto de humanos estamos deixando de ser.

Se considerarmos que a subjetividade só chega a se constituir como acoplamentos, misturas e apropriações que envolvem outros humanos e não humanos, o processo de singularização consiste nessa integração que serve para a invenção de novas relações com o próprio corpo, com a sociedade, mediada por uma experiência constituída como um novo território existencial.

Se considerarmos homens e técnica não como dualidades, mas como hibridações, o que devemos indagar é não mais sobre as dualidades entre sujeito e técnica, corpo e mente, mas sim, sobre quais os novos desafios que constituem a nossa experiência.

³ Cf. CRARY (2001)

⁴ IDEM p. 88



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ao privilegiarmos as hibridações, e não a técnica como mera ferramenta extensa ao corpo ou a técnica como constituidora absoluta, a questão decorrente diante desse novo espaço coletivo global e de imersão é sobre quais as mudanças nas posições do observador e do observável, quando a posição do observador externo é agora deslocada para uma posição em que é enroscado para dentro do objeto, e ao mesmo tempo em que é um observador imerso no que é observado, gira em torno de si mesmo, tornando cada vez mais complexo definir os limites entre os diferentes planos, como também transmitir as observações a partir de certo movimento e posição a um outro que se encontra em outro plano de envolvimento e imersão.

O observador não está mais reduzido à visão e ao visível. Neste novo espaço informacional e global, ele pode agir, modificar, estabelecendo o mesmo espaço sensível e a mesma temporalidade, reais e interativos, num relação contígua e oscilante. Uma nova lógica comunicacional na qual emissor e destinatário estão atrelados, mas sendo cada codificação/decodificação única e singular. E nesta interatividade, a comunicação traz um efeito real sobre o que é observado e, deste modo, o objeto observado também passa a olhar o observador, pois ele se altera a partir do que lhe chega.

Os limites foram transpostos em que não se questiona a ilusão da percepção, mas o quanto o campo da percepção se alargou. O observador não está mais diante de uma moldura e com pontos de vista fixos, como também não está mais fora observando e interpretando o que está aberto à interpretações. Agora pode-se entrar nas informações e nos fragmentos, uma criação coletiva de um público que se torna co-autor, disponibilizando por uma ação operacional dados que são atualizados por escolhas e percursos que possibilitam modos de existir e experimentar.

Com isso a noção de público adquire um novo sentido; “...não é a civilização, nem mesmo uma cultura, no sentido do antropológico. É a combinação continuamente desfeita e refeita de sensibilidades temporárias.”⁵

⁵ LYOTARD (1996). p..44



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

E novamente a questão se coloca: por que tipo de transformação o estímulo (fragmento, informação) passa a alcançar uma consciência integral de um objeto percebido (agora comunicacional) e colocar a sensação subjetiva em estado consciente?

Associar atenção e distração num processo de imersão a partir do momento no qual a intensificação da experiência da percepção se dá pela atenção, não é mais a resposta, como na Modernidade, mas o problema.

Essa imersão dá-se num espaço de invisibilidade, fora de nossa apreensão perceptiva imediata: que significam todos esses fragmentos e toda essa informação e como eles se relacionam com uma visão particular e singular do mundo?

A lógica da nossa cultura, segundo Jameson, produz um metabolismo interno e circular tornando não o nosso corpo ativo e independente, mas um campo passivo e móvel de registro, através do qual algo do mundo é considerado e depois ignorado na inconsistência permanente de um aparelho sensorial hipnotizado, a partir de uma re-narrativização dos fragmentos: “Daí o esmaecimento do afeto no pós-moderno, a situação de contingência ou de falta de sentido, de alienação foi ultrapassada por essa re-narrativização dos pedaços quebrados do mundo da imagem”⁶.

Mas também podemos avaliar a nossa nova lógica cultural sob uma outra perspectiva. A imersão e a interação proporcionadas pelas novas condições tecnológicas conduzem para o desenvolvimento de uma dinâmica perceptiva baseada na manipulação de formas e de informação que utilizam o tato, a visão, a audição, originando novos padrões perceptivos e de sensibilidade. Um encadeamento de probabilidades, tanto de escolhas racionais como de escolhas ditadas por antigos e novos padrões perceptivos, mas que contém um alto grau de aleatoriedade, pois decorre de processos de associações e de conexões derivados tanto de sensações como de dados inteligíveis.

Um prazer de manipulação das formas e das informações, como também uma questão de poder, pois obter poder tem como condição a facilidade de utilização, que se dá cada vez mais com as interfaces amigáveis e a sua facilidade de utilização, correspondendo às exigências contemporâneas de gratificação instantânea e de uma utilização mais intuitiva

1 Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

do que indutiva. E nesse sentido, para Kerckhove, a tarefa do ciberdesigner torna-se importante, pois é ele que fornece uma seleção de parâmetros integrados que moldarão as respostas ao sistema. “O design dá-nos um meio de identificar padrões no labirinto da mudança cultural”⁷. É um tipo de design que se dirige à sensibilidade do homem contemporâneo, o “prosumidor”, o consumidor que quer estar no ato de produção: “O que está em causa é, antes de mais, uma questão de poderes. (...) À medida que a tecnologia dá poder às pessoas, os consumidores desenvolvem a necessidade de exercer mais controle sobre o seu ambiente imediato”⁸.

O design é concebido em sua forma genérica como a apreensão do plano como pré-condição de disponibilidade de sensibilidade e de ação, e, mais especificamente nas novas tecnologias de informação, como “...uma nova forma cultural que paira em algum lugar entre o meio e a mensagem, uma metáfora que vive no submundo entre o produtor e o consumidor de informação. A interface é uma maneira de mapear esse território novo e estranho, um meio de nos orientarmos num ambiente desnorteante.”⁹

E é através deste plano que o fragmento e a informação constituem um espaço complexo não totalizável, superando tanto o indivíduo psicológico como o objeto, onde o privado e o público, o real e o imaginário formam uma rede cujas relações não são mais de causalidade. A questão da atenção se desloca do psicológico e da sua relação com o mundo e volta-se para a atividade cerebral que passa a ser o exato objeto de observação, a faculdade que torna possível a observação, a mente como algo que se pode entrar, um fenômeno penetrável, como as ciências contemporâneas têm explorado em suas diversas correntes.¹⁰

⁶ JAMESON (2001) p. 171.

⁷ KERCKHOVE (1997). p. 219

⁸ IDEM

⁹ JOHNSON (2001). p. 33

¹⁰ Podemos tomar como sintoma dessa modificação a noção de padrão mental em que o pensamento denominaria o fluxo de imagens como uma estrutura construída a partir das modalidades sensoriais que se tornam nossas, como resultado da consciência: “ Quando emprego o termo imagem, refiro-me sempre a imagem *mental*. Não uso a palavra imagem para denotar o padrão de atividades neurais que pode ser encontrado pelos métodos atuais da neurociência, em córtices auditivos em correspondência com um percepto auditivo, em correspondência com um percepto visual. Quando me refiro ao aspecto neural do processo, emprego termos como padrão *neural* ou *mapa*. As imagens podem ser conscientes ou inconscientes. As



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A mente como obstáculo e como abertura é o paradoxo da experiência contemporânea, como um lugar aberto diante de nós, mas também como um lugar que nos mantém à distância e nos desorienta, como um limite estranho em que as distâncias estão abolidas, mas não podemos penetrar. Podemos fazer uma analogia dessa estranheza com a observação de Didi-Huberman sobre o interminável limiar do olhar:

Pois essa porta permanece diante de nós para que não atravessemos seu limiar, ou melhor, para que tememos atravessá-lo, para que a decisão de fazê-lo seja sempre diferida. E nessa *différance* se mantém – se suspende – todo nosso olhar, entre o desejo de passar, de atingir o alvo, e o *luto* interminável, como interminavelmente antecipado, de jamais ter podido atingir o alvo. Permanecemos à orla, como diante desses túmulos egípcios que, em cada canto de seus labirintos, figuram apenas portas, ainda que só ergam diante de nós o obstáculo concreto, calcário, de sua imortalidade sonhada. Nessa situação, somos ao mesmo tempo forçados a uma passagem que o labirinto decidiu por nós, e desorientados diante de cada porta, diante de cada signo da orientação. Estamos de fato *entre diante um e um dentro*. E essa desconfortável postura define toda a nossa experiência, quando se abre em nós o que nos olha no que vemos.¹¹

A INFORMAÇÃO E A FORMA

Nesse limiar, no labirinto dos excessos e nas camadas de planos acavalados, a comunicação, no sentido de transmissão, de localização e de dar forma às informações

imagens inconscientes nunca são acessíveis diretamente. As imagens conscientes podem ser acessadas *somente da perspectiva de primeira pessoa* (minhas imagens, suas imagens). Os padrões neurais, por sua vez, podem ser acessados *apenas da perspectiva de uma terceira pessoa*. Se eu tivesse a chance de ver meus padrões neurais com a ajuda de tecnologias mais avançadas, ainda assim eu os estaria vendo de uma perspectiva de terceira pessoa. DAMÁSIO. (2000) p. 401-403

¹¹ DIDI-HUBERMAN. (1998). p..232-234



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

passa também por uma indagação, ao mesmo tempo, paradoxalmente, em que a própria sociedade se autodenomina “sociedade da comunicação”.

Pela “Teoria Matemática da Informação”, a noção de informação diz respeito à reciprocidade, à equivalência e à reciprocidade do termo ativo e do passivo. O emissor e o receptor são as duas extremidades homogêneas de um linha na qual a informação é transmitida com o máximo de segurança logo que a operação se torne reversível. A codificação e a decodificação operam segundo as convenções comuns aos dois pólos da transmissão, mas somente o conteúdo pode ser transmitido e não o código, de modo que sob essa concepção de informação, os fenômenos que supõem a simetria podem ser pensados. A informação não pode ser definida a partir de um único termo, ou o emissor, ou o receptor, mas a partir da relação entre eles, e a finalidade da informação é reafirmar a correlação, aproximar o funcionamento do receptor ao do emissor. Quanto mais a correlação do emissor e do receptor é estreita, menos informação é necessária.

Mais tal modelo hoje se mostra insuficiente, quando existe uma grande quantidade de informações, os códigos se embaralham, numa concentração que chega ao limite da irrupção ao reunir uma pluralidade de fragmentos, que acabam colocando-nos diante da pergunta: como podemos dar forma aos fragmentos, isto é, “in-formar”?

G.Simondon¹² ao pensar sobre o princípio de individuação física e coletiva, possibilita colocarmos a nossa indagação sob um outro prisma. Indo além da Teoria da Informação, que pressupõe uma estabilidade da forma e com isso a menor quantidade de informação, Simondon argumenta sobre “uma qualidade da informação”, que pode ser denominada como uma *tensão da informação*, que teria também uma forma caracterizada pela sua tensão elevada, por uma diferença de potencial, o que leva a supor aberta a série possível de receptores: “... a tensão da informação é proporcional à capacidade que tem um esquema de ser recebido como informação por receptores não definidos de antemão.”¹³.

Essa tensão da informação seria a propriedade de um sistema estruturar um domínio, de se propagar e se ordenar, mas esta tomada de forma ou estrutura não se dá só a

¹² Cf. SIMONDON (1989)

¹³ IDEM p. 54



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

partir desse aspecto, é necessário, que esse meio que está sendo formado esteja sobre-saturado, já sem forma, metaestável, para poder receber essa tensão e passar a um novo estado, estável. Esta operação de formalização, recebe o nome de *modulação*:

Nós supomos que a operação de modulação pode se desenrolar em uma microestrutura que avança progressivamente através do domínio que toma forma, constituindo o limite móvel entre a parte informe (logo estável) e a parte ainda não informe (logo ainda metaestável) do domínio. Na grande maioria dos casos de aquisição de forma, esta operação seria *transdutiva*, quer dizer avançando por proximidade, a partir da região que já recebeu a forma e indo em direção ao que resta metaestável...¹⁴

Se considerarmos no plano da modulação, a experiência coletiva contemporânea atravessa uma tensão similar entre as operações de bifurcação e de individuação e o estado de equiprobabilidade. Um novo espaço social, uma zona estranha entre o sentido e o caos.

BIBLIOGRAFIA:

1. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização e as conseqüências humanas*. RJ: Zahar, 1999.
2. COUCHOT, Edmond. “A arte ainda pode ser um relógio que adianta?”. In.: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI*. SP: UNESP, 1997. p.135-144
3. CRARY, Jonathan. “A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX.” In.: CHARNEY, L. & SCHWARTZ, R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. SP: Cosas & Naify, 2001. p. 81-105



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

4. DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. SP: Cia das Letras, 2000
5. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. RJ: Ed.34, 1992
6. DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. SP: Ed.34, 1998.
7. HUITRIC, H. & NAHAS, M. “Instrumentos do virtual”. In.: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI*. SP: UNESP, 1997. p.108-113
8. JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. SP: Ática, 1996
9. _____ *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 2001
10. JOHNSON, Steven. *Cultura da interface*. RJ: Zahar, 2001.
11. KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio d’água, 1997
12. LYOTARD, J.F. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996
13. PINHEIRO, Marta “A rede: avaliações e desafios”. In.: *Lumina*. Facom/UFJF - v.3 n. 1 jan – jun, 2000. P.133-144.
14. SIMONDON, Gilbert. *L’individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.

¹⁴ IBIDEM p. 55